

EM BUSCA DA REALIDADE PERDIDA



Los rehenes fuimos 9, separados en grupos de tres, nunca nos vimos. En mi trio estábamos Pepe Mujica y el Ñato Fernandez Huidobro. El coronel que nos distribuyó por todo el país, declaró: "ya que no pudimos matarlos cuando cayeron, los vamos a volver locos". Dos tuvieron trastornos severos. Uno, Adolfo Wassem, murió en el calabozo.

MAURÍCIO ROSENCOF

Maurício Rosencof, além de tupamaro e ex-preso político no Uruguai, é dramaturgo, poeta, romancista, jornalista e dirigiu a secretaria de Cultura da administração municipal de Montevideu entre 2005 e 2009. Foi ator quando jovem e escreveu sua primeira peça de teatro - *The Great Tuleque* - em 1960. É contemporâneo de Eduardo Galeano e Mario Benedetti, ícones de uma geração que propôs uma visão crítica da aura dourada que permeava a classe média uruguaia e atingida em seu auge pela

mão pesada da repressão da ditadura instalada no país nos anos 70.

Galeano dá a chave dessa geração de escritores em uma entrevista a Eric Nepomuceno, publicada em 2015 pela revista *Nossa América*, editada pelo Memorial da América Latina: "pertencemos a uma geração de escritores do Rio da Prata, que emergiu e atuou num período muito atormentado da vida do Uruguai e da Argentina, onde vivi a primeira parte do meu exílio (1972-1976). Muitos dos membros dessa geração de escritores ficaram pelo cami-

nho – assassinados ou desaparecidos, ou condenados a se calarem para poderem sobreviver, o que é uma forma de crime ou suicídio".

A sociedade uruguaia vinha de uma pujança econômica com boa distribuição de renda, promovida pela chamada "política batllista": espécie de ideologia fundamentada pelo grupo do partido Colorado liderado por José Batlle y Ordóñez, que ocupou a presidência entre 1903 e 1907, e depois de 1911 a 1915. O historiador Carlos Eduardo Malaguti Camacho define essa

política como “um modelo capitalista exportador, mas fortemente intervencionista, com o Estado atuando em diversos setores fundamentais da economia, para garantir principalmente que os serviços públicos essenciais acontecessem”. A escolha pelo voto secreto e direto garantiu ao país uma forte base democrática e o espírito modernizante da política batllista, legalizou o divórcio 70 anos antes do que na Espanha, e permitiu o voto feminino 14 anos antes que na França. E ainda

Galeano e as veias abertas



“Essa prosa da esquerda tradicional é chatíssima. Meu físico não aguentaria. Eu cairia desmaiado se tivesse que ler novamente o livro”, disse Eduardo Galeano ao falar para o público na Bienal do Livro de Brasília, em abril de 2014, pouco mais de um ano antes de sua morte. Este livro “de prosa chatíssima”, no entanto, foi traduzido para mais de 20 idiomas, editado em mais de 50 países e tornou-se referência no pensamento da esquerda latino-americana. O que viria depois nessa trilha, a trilogia *Memória do fogo* (*Os nascimentos, As caras e as máscaras* e *O século do vento*) –, também obteve grande êxito. Foi, e é até hoje, objeto de congressos e seminários em países europeus e nos Estados Unidos.

que a alfabetização atingisse 98% de sua população.

O desmonte do modelo Batllista se iniciou na década de 1950, por uma confluência de fatores segundo Carlos Eduardo, em virtude de uma “conjuntura internacional bastante severa que provocou graves problemas econômicos no país, levando-o a uma crise sem precedentes, somado às contradições do sistema político estabelecido. Tal situação de crise econômica no país colocou em xeque o modelo de Estado de bem-estar social e a sociedade passou a vivenciar diversos conflitos, principalmente nos setores industriais e no funcionalismo público”. Para o escritor e crítico literário Alfredo Alzugarat, a morte de Francisco Paco Espínola, ícone da velha geração de escritores do país em 26 de junho de 1973, véspera do golpe, encerrou para sempre “uma etapa da história da cultura no Uruguai e foi símbolo do pior dos augúrios”. No dia seguinte, o Parlamento foi fechado e se iniciou um período de total cerceamento das liberdades públicas.

Enquanto os movimentos populares reagiram com greve geral e ocupação de fábricas e escolas, a ditadura colocou a central única de trabalhadores na ilegalidade, proibiu qualquer atividade política e, nos meses seguintes entrevistou nas universidades, promovendo o que Alfredo define como uma devastação completa da educação pública e da cultura. Além da destruição, exílio ou prisão de centenas de professores e da maioria dos intelectuais do país, a ditadura “fechou o semanário *Marcha*, destruiu grande parte do arquivo da Cinemateca do Terceiro Mundo, a editora *Povos Unidos* e a cia de teatro *O Galpão* foram tornadas ilegais e parte de seus pertences foram retidos. A censura tornou-se onipresente e alcançou a todo tipo de eventos e publicações”, escreve ele em seu artigo sobre 40 anos de literatura uruguaia.

Os livros de Rosencof tiveram a sua circulação proibida, assim como os escritos por Francisco Paco Espínola, Enrique Amorim, Benedetti, Galeano, Juan Carlos Onetti, Martínez Moreno, Gravina e Idea

Vilariño. Ficaram proibidas também as músicas de Zitarrosa, Viglietti e de Los Olimareños. Porém, mais do que essas proibições explícitas, o que provocaria maior influência na literatura produzida a partir desse momento foi a indefinição

O guru de todos



Juan Carlo Onetti (1909-1994), romancista e contista uruguaio, é considerado um dos maiores criadores de ficção em espanhol do século XX. Filho de Carlos Onetti, descendente de imigrantes irlandeses e Honoria Borges, de família aristocrata luso-brasileira do Rio Grande do Sul, não chegou a completar o ensino secundário. Aos 14 anos fugiu de casa, tornou-se jogador de futebol; foi garçom, contrabandista, escreveu livros policiais para sobreviver e durante a Segunda Guerra, morou na Europa, trabalhando como jornalista. Na literatura, apresenta uma estrutura original e inovadora, que lhe rendeu o *Prêmio Cervantes* de literatura em 1980 e, como editor do semanário *Marcha*, influenciou uma geração inteira de escritores em seu país. A jornalista Ana Maria Ciccacio escreve, em artigo sobre escritores uruguaios publicado na revista *Nossa América*, que Onetti foi mentor da “geração 45”, e depois consagrado como “padrinho oculto e inquietante da literatura latino-americana do século 20”.

das regras sobre o que seria ou não subversivo na visão dos golpistas, uma indefinição que impôs o medo a todos. A ditadura iria ocupar o vazio cultural com uma história – dita oficial – e linguagem próprias. Segundo Alfredo, nessa época “Falou-se em ‘empurrar o Uruguai’, abusou-se de palavras como ‘conclave’ e ‘cronograma’ e se promoveu uma campanha xenofóbica contra a língua portuguesa que ultrapassava a fronteira territorial de forma contínua.”

Mesmo antes do golpe a crítica e o coloquialismo já fazia parte da literatura dessa geração, chamada por parte da crítica de “geração 45” ou “geração do Marcha”, como uma forma de se contrapor à “imagem acrítica, feliz e bonachona” da sociedade uruguaia contida nas obras da literatura tradicional do país. Benedetti, por exemplo, buscava representar os aspectos mais negativos do comportamento da classe média e ao contrário do que pregam os cânones do realismo clássico, narra em primeira pessoa, com linguagem simples e clara. Segundo Irineu Pacheco Paes Barreto, diplomata e historiador brasileiro, Benedetti e seu grupo formaram uma “corrente de escritores realistas que não se aprofundaram na análise das causas sociais dos acontecimentos observados, interessando-se pelo reflexo dos mesmos na consciência dos personagens literários e suas consequências na atitude

de, na vida familiar e amorosa e no ambiente cultural do homem do século XX”.

LITERATURA DE TESTEMUNHO

O golpe vai fazer uma dura intervenção nesse processo, que começava a criar um tipo único de realismo. Galeano, por exemplo, abandona a ficção e adota o relato de testemunho depois de obrigado a exilar-se, iniciando com *Días y noches de amor y de guerra* (1978), em que conta fatos de seu exílio na capital argentina, “entrelaçando o privado e o público, cotidiano e transcendental, o seu e o de muitos, através de uma memória globalizadora e ao mesmo tempo, subjetiva e seletiva”, conforme escreve Alfredo. Pouco antes, em 1971, havia publicado o ensaio *Veias Abertas da América Latina*, obra que o colocou entre os maiores escritores do mundo e que ele iria criticar depois (leia Box). A partir disso o escritor concentra-se em reconstruir a história da América Latina na trilogia *Memórias do fogo*, que, novamente, seria aclamada como referência essencial. “Uma tentativa de recuperar a unidade perdida. É como se eu recolhesse os pedacinhos para juntá-los e fizesse alguma coisa com eles. Creio que a cultura dominante nos quebra em pedacinhos o tempo todo, e quebra também nossa memória e nossa visão da realidade”, explica o escritor na entrevista que

deu a Nepomuceno.

Alfredo conta que houve farta produção de obras que ele define como “narrativa de imaginación”, uma reação à desinformação dominante, ao medo e ao discurso oficial que deturpava a realidade e impunha outra, difícil de acreditar. Entre os autores que ele relaciona a esse estilo estão os “outsiders” Felisberto Hernández, LS Garini e Armonía Sommers, pseudônimo de Armonía Liropeya Etchepare Locino (1914 –1994), feminista, pedagoga, novelista e contista uruguaia, autora da emblemática *A Mulher Desnuda*, ícone da literatura erótica feminina. Mais “alguns (da geração de) 45 que mereciam integrar a antologia *Cem Anos de Raro* (de Angel Rama, publicada em 1966), alguns dos de 60 e outros não classificáveis”, além de Héctor Galmés (1933 - 1986), que ele aponta como ícone dessa fase, destacando as obras *Necrocósmos* (1971), *Las calandrias griegas* (1977), *La noche del día menos pensado* (1981) e *Final de borrador* (1985). Há ainda Miguel Ángel Campodónico (1937), Teresa Porzecanski (1945), Tarik Carson (1946), Mario Levrero (1940 - 2004), Mercedes Rein (1931) e José Pedro Díaz (1920 - 2006). Todos criaram uma literatura de mundos fictícios e improváveis, povoados por seres oprimidos, governados por loucos e com uma vida que mais parece um pesadelo, labiríntica

O Marcha

Fundado pelo uruguaio Carlos Quijano em 1939, *Marcha* foi um semanário político e cultural do Uruguai que reuniu o melhor da geração. De linha independente, teve como colaboradores, entre outros, Julio Castro, Sarandy Cabrera, Arturo Ardao, Alfredo Mario Ferreiro, Hugo Alfaro, Homer Alsina Thivenet, Carlos Martínez Moreno, Manuel Flores Mora, Carlos Real de Azúa, Mario Benedetti, Pablo Mañé Garzón, Álvaro Castillo, Eduardo Galeano, Adolfo Gilly, Ángel Rama



, Alfredo Zitarrosa, Rubén Enrique Romano, Maria Esther Gilio, Gerardo Fernández, Salvador Puig e Guillermo Chifflet. Sob sua marca foram publicados ainda os *Cuadernos de Marcha* (1967 a 1974 em Montevideo), edição mensal que traz monografias com discussões mais aprofundadas. Foi fechado pela ditadura em fevereiro de 1974, depois de publicar o conto *El guardaespaldas*, vencedor do concurso anual promovido pelo semanário, sobre a execução de um conhecido torturador por um

e delirante.

A necessidade de dar notícia dos fatos terríveis promovidos pelos golpistas também influenciou na literatura uruguaia desse período, e Rosencof é um exemplo dos mais notáveis desse grupo, onde estreia com *Memórias del Calabozo*, que escreve em parceria com Eleuterio Fernández Huidobro, o Ñato, logo depois de sair da prisão. Nessa linha Alfredo cita como principal representante Anderssen Banchero (1925 - 1987), autor das novelas *Triste de la calle cortada*, 1975; *Las orillas del mundo*, 1980, e dos contos *Ojos en la noche*, *Cartas a Nélida* e *Aquí yace insepulto*, que denunciavam repressão, exílio político, tortura e desaparecimentos. E uma longa lista de autores contemporâneos que deram os seus primeiros passos em meio ao clima de horror imposto pelo governo, como Hugo Burel, Hugo Fontana, Mario Delgado Aparain, Rolando Faget e Eduardo Milán, entre muitos outros.

O cárcere, segundo Alfredo, teria sido o berço literário de uma outra lista de autores uruguaios, como Carlos Liscano, Hugo Bervejillo, Richard Piñeiro, Ana Luisa Valdés, Carlos Caillabet, Elbio Ferrario, Sergio Altesor, Roberto Meyer, José Fonseca, Omar Mir, Domingo Trujillo, Ivonne Trías e muitos outros. Para Rosencof, o crítico acredita



Mario Benedetti

que tenha sido um espaço de desenvolvimento, o que também vale para Hiber Conteris e Miguel Ángel Olivera, “seja pelo que poderiam escrever nessa situação, ou pela experiência acumulada que se verteria depois, já em liberdade”.

Rosencof dedica-se a praticamente todos os gêneros literários, tendo publicado obras de dramaturgia, para teatro adulto e infantil, poemas, artigos, testemunhos e histórias infantis. Alguns de seus trabalhos foram traduzidos para holandês, alemão, turco e francês, além de serem publicados na Espanha e na Argentina. Desde 1960, foram realizadas 25 estreias de suas obras no Uruguai, Argentina, Suécia, Finlândia, Espanha, México, Alemanha, Noruega e Cuba, entre outras. Muitas dessas histórias ele “escreveu” mentalmente nos calabouços, como conta na entrevista publicada na abertura desta revista, algumas ele conseguiu registrar e preservar por meios engenhosos e outras, guardou na memória, para escrevê-las depois. O que faz alguns críticos classificarem sua literatura como *ficciones de encierro* e outros, no universo dos memorialistas. Para os leitores, no entanto, a literatura, sua e da geração a que pertence, é a expressão de resistência, poética e amorosa, ao que há de pior nas sociedades humanas. —

grupo guerrilheiro. No dia seguinte, conforme relato de Alfredo Alzugarat, o diretor Carlos Quijano, o secretário, Hugo Alfaro e o autor do conto, Nelson Marra, além dos jurados do concurso – Mercedes Rein, Juan Carlos Onetti – foram presos. O semanário reabriria pouco depois, mas apenas até o final de novembro do mesmo ano, quando fecha definitivamente. Nelson Marra, acusado de “vilipêndio” ficou preso por quatro anos e Onetti, depois de um tempo internado em um manicômio como

louco, emigrou para a Espanha, onde faleceu em 1994. A Faculdade de Informação e Comunicação da Universidade da República do Uruguai mantém a coleção completa do semanário no Anáfora, um arquivo aberto ao público que reúne versões digitalizadas de escritos, imagens e materiais do passado do país. **Para ver a coleção completa**, acesse <https://anaforas.fic.edu.uy/jspui/handle/123456789/914>. **E para abrir o Anáfora**, <https://anaforas.fic.edu.uy/jspui/>

